

## LER POESIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Olinda Beja

Abril de 2020, inédito (incluso está um poema escrito em maio de 1968,  
“Nós éramos sete à mesa”)

Do espectro do nada  
apareceu sem ser esperada... a solidão  
apareceu e perentória anunciou “de hoje em diante  
eu solidão vos condeno ao exílio das águas correntes...  
cristalinas... cantantes...  
ao silêncio das crianças a sair da casa do Mestre  
à minguia de beijos e de abraços afetuosos  
quentes meigos tímidos tempestuosos...”

Na sua mansarda o poeta tudo ouviu  
mas não se atemorizou  
na solidão sempre viveu, a ela se habituou  
abriu gavetas há muito fechadas  
rebuscou papéis antigos  
onde em tempos de estúrdia  
escrevia poemas aos amigos  
e às namoradas  
depois veio a net... a modernice e os papéis ficaram  
sem serventia  
mas agora em tempo de pandemia  
o poeta entendeu por bem voltar a usar

aqueles folhas e nelas espelhar  
a sua arte a sua solidão  
que agora lhe servia de inspiração para ouvir melhor  
o que se passava na casa dos vizinhos ... até o amor  
saboreava-o na cama dos outros que gemia  
na voz feminina que cantava numa prece  
aquela canção que nunca mais se esquece  
“Quem mostra bo es caminho longe?  
Quem mostra bo es caminho longe?  
Es caminho pa São Tomé”

E a inspiração avançava  
no prédio da frente na varanda do lado  
e o poeta escrevia o seu futuro e o seu passado

De repente  
no passeio os agentes da ordem impunham o confinamento  
a clausura  
guardadores de ruas e fronteiras  
batendo a bota na calçada dando um ar de compostura  
à obrigação que a lei impunha. Célere o poeta vem à janela  
arremessando  
os papéis onde começara a escrever a sua saga  
gritando:  
“Leiam amigos! leiam poesia em tempos de pandemia!”  
Incrédulo, um dos agentes se baixou e timidamente começou a ler:  
“Nós éramos sete à mesa, éramos sete ao jantar”

– mais alto – gritou o poeta – mais alto... com mais vigor”

E o agente encheu o peito e a voz abriu-se em flor!

“Nós éramos sete à mesa, éramos sete ao jantar

os pais, a avó, a Teresa, o João e o Waldemar

nós éramos sete à mesa, éramos sete ao jantar

e a vida simples corria em longínquos cruzamentos

que minha avó transmitia em histórias de momentos

passados junto à lareira a enganar pensamentos.”

Ouviram-se aplausos e as varandas pediram de novo

que os agentes da ordem, esses homens que também são povo

lessem mais. E mais. E foi a vez de um agente feminino

docemente erguer a voz:

“Um dia chegou porém que o pai adoeceu

– tísica – disse o médico – e o seu corpo emagreceu

tanto, tanto, tanto, tanto que o sol desapareceu

de seus olhos cor do mar que só a terra comeu

e agora éramos seis à mesa, éramos seis ao jantar

a mãe, a avó, a Teresa, o João e o Waldemar

agora éramos seis à mesa. Éramos seis ao jantar...”

Voltaremos amanhã – disseram emocionados

com tais ovações sentidas

em janelas e varandas esquecidas

da solidão imposta pelo invisível inimigo

que tanta força dava ao poeta desconhecido que escrevia

o que ele próprio agora lia:

“Antônio conheceu Teresa no baile da romaria  
prometeu dar-lhe outra vida. Ele mesmo a levaria  
pra longes terras de França onde nada faltaria  
nem mesmo um filho sem pai que ele próprio lhe faria!

A mãe não compreendia porque partia a Teresa  
coitada, ela só via menos um lugar à mesa  
e um neto sem ter um pai e um coração de tristeza  
e éramos cinco à mesa, éramos cinco ao jantar  
a mãe, a avó, o João e o Waldemar  
nós éramos cinco à mesa, éramos cinco ao jantar.”

E as janelas se abriam. As varandas, os terraços  
as vizinhas que sorriam e sem qualquer embaraço  
pediam mais folhas soltas bordadas de poesia  
e gentilmente o poeta a todas satisfazia  
e alto, bem alto lia:

“Mas quando agosto chegou no ano logo a seguir  
o João deu a notícia que a mãe não queria ouvir  
partia para o Brasil que o tio o queria lá  
para que ele o ajudasse nas terras do seu Pará  
onde a riqueza era tanta que João nem hesitou  
e antes mesmo do natal num cargueiro embarcou  
e a nossa mesa de cinco em quatro se transformou  
nós éramos quatro à mesa, éramos quatro ao jantar  
a avó, a mãe e o Waldemar

nós éramos quatro à mesa, éramos quatro ao jantar.”

E à hora que era esperada os agentes apareciam em busca dos  
seus papéis

que de homens tão anónimos os faziam sentir reis  
ao lerem para as varandas o que as folhas escondiam  
a vida de um poeta que eles agora sabiam  
por isso liam, e liam...

“Quando João escreveu contando a desilusão  
que a riqueza do seu tio era no triste sertão  
donde nunca ele sairia pois não ganhava um tostão  
a avó chorou tanto, tanto que em breve a morte a chamou  
e a casa encheu-se de pranto e a mesa com três ficou  
já éramos só três à mesa  
éramos três ao jantar  
o Waldemar e a mãe, a mãe e o Waldemar  
e eu ainda tão criança nem dava para contar  
mas éramos três à mesa, éramos três ao jantar...”

E era a vez da mulher-agente que ficava comovida  
com tanta palavra bela a cimentar uma vida  
ler em voz alta com profunda nostalgia  
o que o poeta escrevia:

“a carta chegou fechada avisando o militar  
que pela pátria sagrada teria que ir lutar  
e o barco que o levou a uma guerra sem razão

regressou

mas ele não

só veio uma outra carta com fita negra a dizer

“morreu em defesa da Pátria. É herói do Ultramar”

e assim foi o fim inglório do meu irmão Waldemar

e a mãe não resistiu. Pouco tempo sobreviveu

a tanta calamidade que na casa se abateu

e de dia para a noite seu cabelo embranqueceu

e seu corpo deu à terra talvez sonhando ir ao céu”

Os aplausos eram tais que toda a gente olhava

para a pequena mansarda que tanta folha enviava

e orgulhoso o poeta a sua saga fechava:

“no dia em que a mãe partiu a mesa ficou vazia

só eu estava sentado, só eu sozinho dizia

nós éramos sete à mesa, éramos sete ao jantar

os pais a avó a Teresa o João e o Waldemar

nós éramos sete a mesa, éramos sete ao jantar”.

E os agentes e os vizinhos que às janelas esperavam

os poemas que um poeta naquelas folhas escrevia

souberam da sua saga em tempos de pandemia

quando o espectro da solidão lhes ditou rígidas leis

E sempre à hora marcada os vizinhos e os agentes

que agora se julgam reis

esperavam outras folhas cheias da tal harmonia

juntamente com o grito que da mansarda

se ouvia:

– Leiam amigos, leiam poesia, em tempos de pandemia!